

GÊNERO E ENSINO DE CIÊNCIAS: SENSIBILIZAÇÕES E EMPATIAS (RE)CONSTRUÍDAS ENTRE ESTUDANTES EM UM PROJETO INTERDISCIPLINAR

Bruce Lorrann C. M. de Sousa
Universidade de Brasília
lorranz-@hotmail.com

Thatianny Alves de Lima Silva
Universidade de Brasília
thatiannyalves@unb.com.br

Resumo

Os/As educandos/as podem fomentar concepções sobre sexualidades baseadas no senso comum, assim a escola torna-se um espaço privilegiado para estas discussões. Contudo, este trabalho pedagógico centra-se no viés biológico, especialmente pela concepção docente. Incluir temas como sexualidade e/ou gênero propicia a reflexão dos fenômenos naturais e as construções sociais, ambos abordados no Ensino de Ciências. Salienta-se a transversalidade deste tema. Logo, realizou-se um projeto interdisciplinar, com a temática Gênero e sexualidade, sendo planejado e realizado durante a disciplina Estágio supervisionado em Ciências Naturais 4 do curso Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB de Planaltina (FUP). A metodologia foi qualitativa e os dados foram registrados em diário de campo sendo realizada análise de conteúdo por categorização. Os resultados evidenciam posicionamentos estereotipados e preconceituosos quanto aos gêneros. Salienta-se que o tema deve ser trabalhado na formação de professores e na comunidade a fim de redução de preconceitos e tabus.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Ensino para a sexualidade; Gênero; Interdisciplinaridade.

Introdução

A adolescência compreende vivenciar mudanças, como, por exemplo, desenvolver sua maturidade emocional e identidade sexual (SILVA *et al.*, 2013), logo o processo de adolescer seria “(re)conhecer um novo corpo e (re)organizar suas identidades como construtos sociais” (ARAÚJO, 2013, p. 979). Um ambiente acolhedor ao adolescente pode atenuar as dúvidas e medos frente a estas bruscas mudanças onde o mesmo engloba os pais, profissionais de saúde e professores. Na ausência deste cenário, o/a adolescente busca esclarecimentos de suas inquietações em outros(as) adolescentes e/ou em outros meios, como, por exemplo, a internet, contudo as informações oferecidas podem gerar mais dúvidas (MOREIRA *et. Al.*, 2011). Diante desta problemática, a escola caracteriza-se como um espaço propício para as partilhas, diálogos que estejam relacionados à gênero e sexualidade, porque “permite ao aluno encontrar um espaço de informação e de formação,

no que diz respeito às questões do seu momento de desenvolvimento e às questões que o ambiente coloca” (KLEIN, 2003, p. 4). Entretanto, a educação para a sexualidade é considerada um tabu, pois muitos acreditam que incentivará a atividade sexual dos alunos (MOREIRA et. Al, 2011).

O Ensino de Ciências propicia um repensar sobre os fenômenos naturais e suas transformações por meio dos conceitos científicos (BRASIL, 1997). Logo, o Ensino de Ciências engloba todos os fenômenos naturais, incluindo a sexualidade, pois a mesma é (re)construída nas diversas interações sociais presente no mundo natural. Discutir esta temática contribui para a atenuação das inquietações dos(as) educandos(as), principalmente os/as adolescentes, que vivenciam mudanças corporais tão significativas (SILVA et al, 2013; ARAÚJO, 2013). Deste modo a educação para a sexualidade possibilita o educando a (re)conhecer no mundo e potencializa uma educação cidadã e emancipatória.

O presente trabalho fomenta as concepções, sobre a temática “Gênero: construções da categoria mulher”, de educandos(as) dos anos finais do Ensino Fundamental, inseridos em uma escola do campo no Distrito Federal, durante a realização do projeto interdisciplinar de educação para a sexualidade. Esta intervenção objetivou sensibilizar os educandos quanto ao tema partindo em direção ao respeito mútuo entre os gêneros, estimular a autoestima das meninas e o empoderamento feminino, a atenuação do simbolismo sexual e violência/abuso sobre as mulheres.

Fundamentação teórica

O termo sexualidade, nos dias atuais, compreende: “[...] uma série de dimensões do humano, extrapolando as questões associadas ao sexo, aos órgãos sexuais; inclui valores, crenças, afetividade, relacionamentos, papéis sexuais” (PENA, 2015, p. 10), desta maneira, seguindo esta ideologia, o termo sexualidade deixa de ser exclusivamente do campo biológico e adentra aos campos político, sociocultural e emotivo-afetivo, pois quando nos referimos à sexualidade corroboramos que a mesma é construída ao longo da vida envolvendo “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convecções” (LOURO, 2018, p. 12). Compreender a sexualidade volta-se a desvelar sua interioridade e se encontrar na própria existência, assim a escola tem importante papel na promoção desta educação para a sexualidade. A educação para a sexualidade é abordada nas aulas de Ciências, contudo esta prática tende a centralizar suas abordagens no caráter biológico, ou seja, a anatomia e fisiologia da reprodução humana (RIBEIRO, 2008 *apud* RIBEIRO et al,

2015) e a prevenção da gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis (SILVA *et al*, 2013), pois muitas escolas acreditam que trabalhar outros temas, como, por exemplo, as questões de gênero, possam gerar constrangimento ao aluno, além de serem responsabilidade dos pais dos educandos estas mediações (RIBEIRO *et al*, 2015). Entretanto, segundo a Base Nacional Curricular (2018) em sua unidade temática Vida e Evolução, especificamente no ensino de Ciências para 8º ano, orienta que trabalho pedagógico transponha a dimensão biológica e dos métodos contraceptivos, assim estimulando a habilidade dos/as educandos(as) a “selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)”(p. 346).

A educação, quando considera reflexões e discussões de gênero e sexualidade, propicia discussões sobre a sexualidade em sua plenitude, logo, por exemplo, as questões dos papéis da mulher na sociedade incorporam esta prática. A dicotomia homem-mulher, provinda de um viés biológico, tende a reforçar a desigualdade entre estes indivíduos (LOURO, 1997) ao qual é subsidiada por “fatores econômicos e socioculturais que limitam as escolhas e subordinam as mulheres a determinados cargos e posições hierárquicas” (ALMEIDA; FRANZOLIN, 2017, p. 2). Esta desigualdade contribui para a exclusão social, contudo discutir esta temática na escola pode reduzir as discrepâncias entre os indivíduos e possibilitar a inclusão social dos segregados(as) (ALMEIDA; FRANZOLIN, 2017; LOURO, 2018). Discutir o papel da mulher nas aulas de Ciências possibilita a visibilidade desta perspectiva “esquecida” (LOURO, 1997) e, conseqüentemente, contribuir para outras dimensões das aprendizagens.

Salienta-se que a educação para a sexualidade deve ser trabalhada em todas as disciplinas, pois apresenta caráter transversal e, principalmente, interdisciplinar. Os PCNs “orientam a escola a tratar do tema sexualidade por debates, jogos, pesquisa, [...] e sendo um Tema Transversal, deve ser tratado em diversas áreas do currículo escolar” (RIBEIRO, 2008 *apud* RIBEIRO *et al*, 2015, p. 2). Portanto, o ensino do tema sexualidade deve estar imerso nas diversas disciplinas, porém o mesmo não ocorre por falta de planejamento e/ou despreparo docente (TEIXEIRA, 2014). Toda via, esta abordagem propicia ao aluno “relacionar temas do dia a dia, com aquela e todas as outras disciplinas, assim a utilização da interdisciplinaridade visa destacar a importância da educação sexual e os cuidados necessários para promovê-la” (TEIXEIRA, 2014, p. 6). Salienta-se que a interdisciplinaridade não possui conceito padronizado, assim podendo ser confundido com outros termos como a pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade ou transdisciplinaridade

(CARDOSO *et al.* 2008), entretanto corroboramos com Japiassu (1994) quando o mesmo define interdisciplinaridade como:

[...] uma interação das disciplinas, uma interpenetração ou interfecundação, indo desde a simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia e da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. (JAPIASSU, 1994, p. 2).

Relato de experiência

O presente trabalho foi executado durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências Naturais 4, do curso Licenciatura em Ciências Naturais pela Faculdade UnB de Planaltina (FUP), que prevê o planejamento e execução de um projeto interdisciplinar aplicado em escolas públicas do Distrito Federal. O projeto interdisciplinar foi desenvolvido na escola do campo intitulada Caliandra¹, exclusivamente com duas turmas de 30 alunos de ambos os sexos, compreendidas nos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente nos 9^{os} anos, do período matutino, sendo utilizadas as aulas dos professores participantes do projeto. A realização do projeto foi mediada por um professor-pesquisador que leciona Ciências Naturais e três professores(as) de ambas as turmas, sendo os/as mesmos(as) lecionando Geografia, Português e Artes.

O projeto interdisciplinar teve duração de doze aulas, sendo duas aulas de Ciências, quatro aulas de Geografia, duas aulas de Português e quatro aulas de Artes. A carga horária do projeto interdisciplinar totalizou nove horas de intervenção. O projeto iniciou-se somente com as aulas de Ciências Naturais, portanto as provocações iniciais partiram do professor-pesquisador objetivando a sensibilização dos educandos frente ao tema proposto. Posteriormente, as abordagens interdisciplinares foram realizadas, ao qual a disciplina de Ciências Naturais sempre coexistiu com outra disciplina: Ciências Naturais e Geografia; Ciências Naturais e Português; Ciências Naturais e Artes.

Durante as aulas de Ciências, o tema “Gênero” foi trabalhado nas atividades “coisas de menino e coisas de menina” e “se eu fosse.”. A atividade “coisas de menino e coisas de meninas” (figura 1 e figura 2) objetivou a desconstrução de estereótipos, assim a atividade iniciou-se com o professor-pesquisador entregando aos educandos fichas contendo características comportamentais, como, por exemplo, usar a cor rosa ou ter urso de pelúcia. Depois, o mesmo dispôs três bonecos de isopor na sala de aula sendo que cada um deles representou um perfil, isto é, a mulher, o homem e ambos (homem e mulher) respectivamente. Salienta-se que cada boneco possui uma cor diferente das demais,

¹ Nome fictício para preservação dos participantes do projeto.

contudo as cores não possuem relação direta com os perfis, assim, por exemplo, o boneco rosa pode referir ao masculino e o boneco azul ao feminino. Ao fim, os/as educandos(as) colaram as fichas nos bonecos que designarem correspondentes as suas fichas e, em seguida, realizou-se uma discussão com a turma acerca da atividade salientando os porquês de suas escolhas.



Figura 1



Figura 2

A atividade “se eu fosse.” objetivou sensibilizar a empatia do/a educando/a com sexo biológico oposto, portanto refletiu sobre sua existência e do outro, galgando o respeito mútuo entre as diferenças. A atividade inicia-se com o professor-pesquisador, formando pequenos grupos na sala de aula onde os mesmos devem conter apenas integrantes do mesmo sexo biológico, assim teremos pequenos grupos de meninos e de meninas. Posteriormente entregou-se fichas aos grupos ao qual as mesmas contêm duas frases: “Por que está satisfeito(a) em ser homem/mulher?” e “Se eu fosse homem/mulher, eu...”. Esta atividade estimula os/as alunos/as a refletir porque gostam de ser homem/mulher e como seria caso tivesse nascido com o sexo oposto. Ao fim, o professor-pesquisador escreve na lousa as respostas dos alunos e debate com os mesmos os motivos de tais afirmações.

Nas aulas de Ciências e Geografia, trabalhou-se o papel da mulher em diferentes sociedades objetivando estimular o educando a (re)pensar sobre três mulheres de nacionalidades diferentes: a mulher brasileira, a mulher japonesa e a mulher africana respectivamente. Logo, o viés sociocultural e econômico foi estimulado, além de sensibilizar a quebra de estereótipos destas mulheres. Inicialmente, o professor-pesquisador e o/a docente de Geografia realizaram três aulas dialogadas e investigativas com os educandos a fim de caracterizar um perfil destas mulheres, desde os tempos antigos até os tempos atuais. Salienta-se que o(a) docente de Geografia já tinha trabalhado em suas aulas as características socioculturais e econômicas destas sociedades anteriormente ao projeto. Ao fim, os/as educandos(as) de cada turma foram divididos(as) em três grupos e

escolheram seus temas: mulher africana, mulher japonesa e mulher brasileira. Os educandos construíram um cartaz de seu tema. Os cartazes produzidos (ver figura 3, 4 e 5) foram apresentados pelos estudantes aos professores e turma e, posteriormente, fixados no mural da escola.



Figura 3: mulher japonesa



Figura 4: mulher brasileira

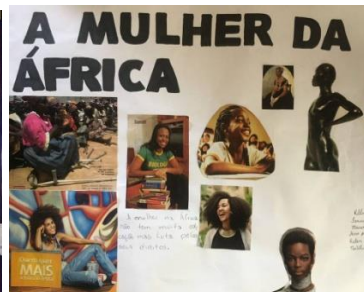


Figura 5: mulher africana

Nas aulas de Ciências e Português, o tema foi trabalhado por meio de produção de poesias pelos próprios alunos. O objetivo desta atividade foi trabalhar a escrita e leitura mediada pela construção e declamação de uma poesia. Ressaltamos que a estrutura e construção de poesias foi trabalhada previamente pelo(a) professor(a) de Português durante o ano letivo. O viés de gênero não foi esquecido porque as poesias estariam centradas na valorização das mulheres que os alunos admiram ou, de algum modo, se sentem inspirados. A atividade iniciou-se com o professor-pesquisador e o/a docente de Português expondo poesias a turma, e, posteriormente, solicitou aos educandos que produzam uma poesia centrada na figura feminina que admiram. Ao fim, as poesias foram declamadas para a turma.

Nas aulas de Ciências e Artes, o tema foi trabalhado pela produção e execução de uma peça de teatro. O objetivo desta atividade foi estimular a criatividade e autonomia dos/as educandos(as). Então, os/as educandos(as) foram divididos em grupos e receberam do professor-pesquisador e do/da docente de Artes diversas situações-problema a cerca do tema, assim pontos como, por exemplo, a violência contra a mulher, a utilização do preservativo feminino e estereótipos femininos, foram estimulados. Posteriormente, os/as educandos(as) escreveram seus roteiros durante as aulas e apresentaram a peça teatral ao fim do projeto interdisciplinar.

A metodologia que pautou a elaboração do projeto enquanto componente relevante da pesquisa da própria prática docente, bem como a metodologia empregada durante o projeto foi qualitativa, pois considera as interações sociais dos indivíduos e suas subjetividades (MOL, 2017). A abordagem utilizada foi etnográfica por objetivar a observação e o estudo de grupos específicos em seus ambientes naturais e o delineamento

de pesquisa foi a observação participante pela imersão e intervenção do pesquisador ao grupo estudado a fim de selecionar, relatar e estudar os processos grupais (MOL, 2017). Os dados foram registrados em diário de campo, realizados durante e após as aulas do projeto interdisciplinar e os mesmos sofreram análise de conteúdo por categorização (BARDIN, 2010), assim salientando as concepções dos educandos do campo sobre o tema.

Resultados

Quanto às questões vinculadas à performances de mulheres e do homens observa-se uma dualidade de percepções ao qual encontramos educandos que acreditam em uma igualdade, enquanto outra parcela, principalmente os meninos, acredita na inferioridade feminina. Falas como *“a mulher também pode ser independente”* (aluna 9) e *“[...] a mulher pode fazer tudo que o homem faz, talvez até melhor”* (aluno 21) [trecho do diário de campo] demonstram um contexto igualitário, enquanto nas falas *“[...] posso pegar várias mulheres e ser um galã, mas a mulher vai ser uma puta”* (alunos 1 e 2) e *“[...] tenho mais facilidade em arrumar um emprego porque sou homem”* (alunos 1, 5, 6, 12 e 15) [trechos do diário de campo] denotam o teor machista.

O projeto possibilitou espaço para visibilizar as concepções quanto as performances femininas e masculinas, assim contribuindo para o rompimento de conceitos prévios estereotipados, então falas como *“[...] tem homem que usa maquiagem e não deixa de ser homem”* (aluna 8) e *“[...] jogar futebol não é só coisa de homem”* (aluna 7) [trechos do diário de campo] reforçam a quebra de estereótipos. Porém, alguns estudantes possuíam visão muito rígida sobre as coisas de homem e mulher, principalmente os meninos, como, por exemplo, nas falas *“[...] homem não tem urso de pelúcia”* (aluno 13) e *“se o cara é cabeleireiro, ele pode não ser gay, mas a gente desconfia”* (aluno 1) [trechos do diário de campo]. Alguns educandos trouxeram falas que questionaram as vinculações entre cor e sexo biológico, assim o rosa e o azul são permitidos a ambos os sexos como nas falas *“[...] por que a mulher tem que ficar com a cor rosa?”* (aluna 8), *“[...] eu uso azul e não deixo de ser menina”* (aluna 8) e *“tenho uma camisa rosa em casa”* (aluno 2) [trechos do diário de campo].

A empatia foi trabalhada no projeto, porém apenas alguns alunos demonstram esta capacidade nas atividades propostas. Os meninos centralizaram suas falas com a redução do preconceito e assédio sexual, assim falas como *“se eu fosse mulher lutaria por direitos iguais, trabalharia [...]”* (aluno2) e *“Não ia dar liberdade para qualquer um, porque*

(como homem) sou menos assediado que a mulher” (alunos 2, 8 e 9) [trechos do diário de campo], enquanto as meninas verbalizavam as inquietações quanto ao assédio sexual e violência contra a mulher como nas falas *“se eu fosse homem não assediaria uma mulher*” (alunas 4, 8 e 12) e *“se eu fosse homem não seria covarde, [...] não bateria numa mulher*” (alunas 7 e 8) [trechos do diário de campo].

A referência feita à mulher, sobretudo na fala dos meninos, é apresentada de modo sexualizado, principalmente na sociedade brasileira, assim observam-se frases como *“[...] se eu fosse mulher me vestiria muito top para provocar os caras*” (aluno 13) e *“[...] chamaria muito a atenção dos caras [...]”* (aluno 4) [trechos do diário de campo]. Nas meninas, o simbolismo sexual é corroborado por partes delas, enquanto as outras reforçam a quebra deste ideal como, por exemplo, nas falas *“[...] a mulher pode ser o que ela quiser como presidente, modelo e juíza*” (aluna 1) e *“só porque a mulher esta com uma roupa mais provocante não significa que ela é vulgar ou dá direito ao cara mexer com ela “* (aluna 3) [trechos do diário de campo].

Quanto aos meninos, durante a construção de poesias não se observou admiração às mulheres que conheciam, assim fala como *“não admiro nenhuma mulher*” (aluno 1, 3 e 10) [trecho do diário de campo] foi expressa, enquanto as meninas tinham nas mães inspiração. As questões sociais, como o trabalho e a educação, também foram discutidas, como nas falas *“a mulher pode estudar agora na áfrica porque conseguiu este direito*” (aluna 3) e *“[...] a mulher japonesa pode sair dos trabalhos artesanais e lutar pelo mercado de trabalho*” (aluno 2 e aluna 2) [trechos do diário de campo].

Discussão

A desconstrução de concepções rígidas sobre a mulher foi estimulada durante todo o projeto, contudo observa que este trabalho deveria ser realizado com a comunidade atendida pela escola a fim de reduzir estereótipos e preconceitos. Baseando se no machismo, alguns educandos, especialmente os meninos, corroboram com a submissão da mulher ao homem e reconhecem/fomentam as discrepâncias de salário e empregos entre homem e mulher. Logo, observa-se a perpetuação da discriminação fundamentada em características socioculturais e econômicas (ALMEIDA; FRANZOLIN, 2017). A ruptura da mulher como simbolismo sexual e como individuo sem prazer sexual foi incentivada, porém apenas alguns estudantes se apropriaram de tais informações, pois o enraizamento do prazer destinado aos e/ou para os homens ainda apresentou-se muito presente. Logo

corroborando com as desigualdades (LOURO, 1997). As questões de abuso e violência contra a mulher foram citadas pelos(as) alunos(as) ao longo dos encontros. Foi, especialmente, solicitado por gestores e professores da escola que esta temática fosse abordada diante dos casos de abuso e violência relatada pelos mesmos. Desta forma estimulou-se a empatia dentro do grupo, com o intuito de minimizar os crimes de ódio e violência sofrida pelas mulheres. Salienta-se que durante o período do projeto a empatia foi estimulada, porém este trabalho deve ser contínuo a fim de reduzir o perfil abusivo encontrado na comunidade.

Considerações finais

A inclusão do tema Gênero ao longo do projeto interdisciplinar propicia um ambiente rico de discussão para todos os/as educandos(as), especialmente frente aos casos discriminatórios e preconceituosos, em todas suas dimensões, materializados em os casos de agressão, violência, abuso e feminicídio enfrentados em sociedades cujo machismo é estruturante e faz parte da construção da subjetividade de meninos e meninas, de homens e mulheres. Logo, as reflexões sobre gênero e sexualidade precisam ser viabilizadas e deixando de ser tabu nas escolas. Acredita-se que ao se fazer isso, propicia um ambiente acolhedor aos educandos influenciando uma educação mais libertadora e emancipatória. Contudo a formação inicial e continuada dos professores ao abordar questões de gênero e sexualidade devem buscar as ressignificações das estruturas, falas e posicionamentos segregadores e limitadores as atuações.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, E. A. E de; FRANZOLIN, F. **A educação em Ciências e a perspectiva de gênero**. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - XI ENPEC -. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

ARAUJO, J. J. S. *et al.* 2013. Sexualidade: percepção dos escores do ensino fundamental 2 da rede pública de Maceió. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**. São Paulo, v. 8, n. 4, p. 978-987, out/dez. 2013

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4ª ed. Lisboa: Edição 70, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARDOSO, F. S. *et al.* Interdisciplinaridade: fatos a considerar. **R.B.E.C.T.**, vol. 1, nº 1, jan/abr. 2008.

JAPIASSU, H. **A questão da interdisciplinaridade.** *In:* Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular. Porto Alegre: Secretaria municipal de educação, 1994.

KLEIN, T. S. **Sexualidade, adolescência e escola:** uma abordagem interdisciplinar. *In:* IV Encontro nacional de pesquisa em educação em Ciências. São Paulo: Bauru, 2003.

LOURO, G. L. A emergência do Gênero. *In:* LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In:* LOURO, G. L (org). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 7-42.

MOL, G. S. Pesquisa qualitativa em Ensino de Química. **Revista Pesquisa Qualitativa.** São Paulo, v.5, n.9, p. 495-513, dez. 2017.

MOREIRA, B. L. R. *et al.* Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias.** n.1, v.10, p. 64-83. 2011.

PENA, A. L. **Narrativas autobiográficas e a formação de educadores sexuais.** (129 f.). 2015. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Universidade de Brasília, 2015.

RIBEIRO, Y. S. *et al.* **Relato de experiência sobre a prática docente: ensino de sexualidade.** *In:* VI SECITEC – Semana de educação, ciência e tecnologia. Goiás: Instituto federal de Goiás, campus Formosa, 2015.

SILVA, D. M. *et al.* Sexualidade na adolescência: relato de experiência. **Revista de Enfermagem - UFPE on line.** Recife, n. 7, v.1, p. 820-3, mar. 2013.

TEIXEIRA, C. A Interdisciplinaridade no ensino da educação sexual nos anos finais do ensino fundamental. **Revista Ciência em tela,** Rio de Janeiro, n.1, v.7, p. 1-8. 2014.